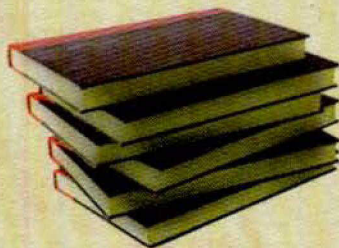


## O primeiro livro publicado no Brasil

Faz exatamente 301 anos (1647) que, em Recife, Pernambuco, foi impresso um folheto contendo, aproximadamente, 20 páginas e relatando as transações financeiras da Companhia Oriental Holandesa do Brasil. Era este o primeiro livro publicado em nosso país. Somente sete anos depois foi publicado o primeiro livro noutras partes deste continente, aparecendo no Estado de Massachusetts, América do Norte, que se intitulava o "Bay State Psalm Book", e um dos 11 exemplares ainda existentes foi vendido em leilão no mês de janeiro do ano de 1947 pelo preço de 151.000 dólares, o preço mais elevado até hoje pago por um livro.

A primeira obra impressa no primeiro prelo do Brasil foi publicada em holandês sob o título de "Brasilische Gelt-Sack" (Bolsa Brasileira de Dinheiro). Pouco tempo depois que os holandeses foram expulsos pelos colonos e seus valentes escravos africanos, o primeiro vice-reis portugueses, sob ordens de Portugal, de Lisboa, suprimiram



todos os prelos no Brasil, e não foi possível até que a família real portuguesa, fugindo dos exércitos de Napoleão se estabeleceu no Brasil, é que se fundou uma imprensa oficial como monopólio do Estado. Préviamente, a publicação de informações acerca do Brasil promoveu competição entre o comércio inglês e o de outros países estrangeiros, o tráfico ilícito de escravos, operações de contrabando e a pirataria nos primeiros séculos do império colonial português no Novo Mundo. Relatórios comerciais eram roubados, e estudados pelos competidores rivais para alcançarem supremacia colonial.

## Uma carta famosa

Em 1527 um comerciante de Bristol, residindo na Espanha, tinha escrito uma carta ao embaixador inglês nesse país. Nesta carta, agora famosa, de Robert Thorne, ao seu compatriota, o Dr. Ley, foi feita a primeira menção, na língua inglesa à existência do Brasil, bem que tenha sido possível que antes dessa data se mencionasse já o nome deste país em correspondência. Também é de se crer que Sir Thomaz Pert, que visitou o Brasil em 1516, tivesse feito um relatório agora perdido sobre o Brasil. Thorne escreveu, em parte como segue: "Também parece que quando o mencionado convênio da divisão do mundo foi feito entre eles, o Rei de Portugal tinha já descoberto certas ilhas situadas além do Cabo

Verde, e também certa parte da terra firme da Índia para o sul, que êle chamou terra do Brasil".

Em 1530, três anos depois que Thorne despertou o interesse dos ingleses, William Hawkins, tio de Drake, levava escravos para o Brasil. Dez anos mais tarde foi seguido por Robert Reginer e Thomas Borey, e em 1542, Pudsey, outro comerciante inglês de escravos, visitou esta colônia portuguesa. Porém, não foi antes de 1552 que o primeiro livro mencionando o Brasil se publicou em Londres. De um modo curioso, o volume intitulado "A Lytel Treatyse on Astronomy" (Um Pequeno Tratado Sobre a Astronomia), escrito por Anthonf Ascham e impresso por William Powel, menciona o Brasil

da seguinte forma:

"Saibam todos que o povo que vive no país chamado Brasil, que está nesta parte do mundo chamada América, tem inverno quando nós temos o verão".

Esta foi a primeira vez que o Brasil foi mencionado num livro impresso em inglês soletrada a palavra "Brasília".

O segundo livro inglês mencionando o Brasil por nome foi uma tradução, de Rycharde Eden, intitulada: "Decades of the new Worlde or West India" (Décadas do Novo Mundo ou da Índia Ocidental). Publicado por um tal Robert Toy em 1555, e impresso por Wylliam Powel, préviamente mencionado. Este livro foi uma tradução da



terceira edição latina "De Orber Novo", que apareceu em 1533. A primeira edição desta obra, por Pietro Martire, de Anghierra, foi publicado em 1516. A tradução de Eden veio quase uma geração depois da carta de Thorne, mais de meio século depois de Colombo e dos Cabots, e mais de meio século depois da carta de Thorne, mais dum século depois da invenção da arte de

imprimir por Johannes Gutenberg.

A segunda menção escrita ao Brasil num livro inglês foi, por sua vez, a tradução de um relatório por Antonio Pigafetta, um dos marinheiros de Magalhães. A Tradução de Eden da adaptação latina do original italiano reza como segue:

"Quando navegaram além da linha equinocial, perderam de vista a estrela do norte e navegaram com

rumo ao sudeste até que chegaram a um país chamado Brasil, que está a 22 graus e meio para o polo austral ou antartico". ▲



Os textos desta seção são reproduzidos com a grafia vigente há 50 anos.

## PIONEIRISMO

# Uma história que começou na confecção de baralhos

Como se desenvolveu a indústria gráfica no Brasil? A revista O Papel publica, na íntegra, a história deste segmento, contada por Max Schrappe, presidente da Associação Brasileira da Indústria Gráfica (Abigraf) Nacional, durante a aula inaugural do primeiro Curso de Tecnologia Gráfica da Escola Senai Theobaldo De Nigris.

"A história começou em 1888, quando o Império assistia à libertação dos escravos. No Paraná, que era vinculado a São Paulo, o Barão do Cerro Azul, que defendia a emancipação política de sua então província, fundou a Imprensa Paranaense.

E agora, um contraponto dessa história. Meu avô, Max Schrappe, imigrou da Alemanha, chegando a Santa Catarina pelo Porto de São Francisco do Sul. No interior catarinense, estava à procura de um amigo da família, que lhe daria

referências para iniciar sua vida na nova Pátria que adotara. Não encontrou quem procurava. Mas, como era contador, logo conseguiu trabalho nos tradicionais armazéns de secos e molhados da época.

Um dia descobriu que havia mercado para a venda de baralhos. Resolveu, então, abrir seu próprio negócio, embora nada entendesse do ofício gráfico. Comprou uma pequena máquina litográfica manual, que tinha uma pedra pequena. Tratou, então, de aprender o ofício de desenhar sobre a pedra. Estudou, pesquisou, perguntou e se tornou um competente litógrafo.

Fez, então, os primeiros baralhos, a partir de primorosos desenhos dos naipes. Depois de imprimir uma quantidade razoável, percebeu que enfrentava uma deficiência de ordem técnica, pois não tinha como cortar os impressos. Perdeu trabalho e capital, mas ganhou experiência.

Para vencer a crise, passou a fazer outros serviços gráficos, como notas

fiscais, convites e cartões, que vendia no interior de Santa Catarina, especialmente na região de São Bento e Mafra. O picote das notas fiscais, por exemplo, era feito por minha avó, em uma máquina de costura.

Meu avô deparou-se, então, com a questão da produtividade. Sua produção diária de 500 impressos era insuficiente para remunerar seus custos e gerar lucros. Por isso, trabalhando junto com seus funcionários, no chão da gráfica, mostrou ser possível aumentar a produção com os mesmos equipamentos. Ele conseguiu produzir até mil impressos por dia.

A partir de então, a produção manteve-se na média de 700 a 800 impressos diários. Este exemplo é importante para demonstrar que, com qualquer tecnologia, o talento e o empenho humanos são fundamentais para a produtividade e a eficiência.

Conseguindo crescer em seu negócio, meu avô foi para Joinville, também em Santa Catarina, onde fundou a Max Schrappe Companhia. Foi para a Alemanha e comprou máquinas, tintas e equipamentos, com crédito de longo prazo. Voltando ao Brasil, tratou de prospectar o mercado.

A cavalo, viajou para Curitiba, onde recebeu muitos pedidos para a produção de rótulos para os barris de erva-mate, principal produto de exportação do Paraná, naquela época. Eram rótulos grandes, muito



Schrappe, uma história de décadas





bem-feitos, com ricos detalhes, cortados a tesoura.

Em 1912, meu avô viajou ao Rio de Janeiro, em busca de novos mercados. Pela primeira vez, conseguiu vender rótulos para a Brahma. Finalmente, abriu uma filial em Curitiba.

Soube, então, que a Impressora Paranaense, fundada pelo Barão do Cerro Azul, estava à venda. Comprou a empresa e fechou as outras gráficas. Ofereceu aos antigos sócios da impressora notas promissórias de longo prazo.

Na década de 40, quando meu pai, Oscar Schrappe, já atuava na área comercial da empresa, ele a transformou numa sociedade anônima. Meu tio, Werner Schrappe, foi, em 1930, para a Academia Gráfica de Leipzig, na Alemanha. Quando voltou, deu impulso à área litográfica. Então, tínhamos litografia, tipografia e uma área de confecção de livros.

Em seguida, outro tio, Max Schrappe Júnior, também foi para a academia alemã, onde aprendeu a tecnologia de impressão em off-set. Em 1935, instalamos a primeira máquina off-set, uma Planeta, e todo o equipamento necessário para operação, como fotografia, filmes e chapas, que eram gravadas na própria gráfica.

Introduzimos, também, modificações nas composições químicas das tintas e outros produtos, adaptando as receitas

alemãs às condições brasileiras.

Eu nasci em 1932 e, aos quatro anos, já freqüentava a gráfica. Um problema muito sério, contudo, atingiu nossa empresa. Como éramos descendentes de alemães, enfrentamos uma lamentável perseguição, quando o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial.

Em uma noite, manifestantes fizeram um quebra-quebra em nossa empresa, derrubando um muro, danificando equipamentos e arrastando os estoques de papel pelas ruas. A empresa também foi impedida de negociar, passando a figurar nas listas negras inglesa e norte-americana.

Este episódio mostra o quanto a paz é uma conquista a ser acalentada todos os dias pela humanidade. Mostra que o entendimento e a ausência do preconceito e da discriminação constituem-se na base de uma sociedade justa.

Mas superamos todos os problemas. Em 1948, comecei a trabalhar como aprendiz na gráfica, especialmente nas férias escolares. Nessa época, também fazíamos muitos clichês para jornais. Para se ter uma idéia da tecnologia utilizada, grande parte das fotos era feita com chapa de vidro pré-sensibilizada.

Em 1951, entrei definitivamente na gráfica, passando por seus diferentes setores. Em 1954 e 1955, fiquei na Alemanha, trabalhando como voluntário em fábricas de máquinas e gráficas.

Voltei ao Brasil com a incumbência de implantar a flexografia em nossa empresa. A flexografia era ainda primária, com clichês de borracha e tintas fluídas à base de álcool. Fazíamos as embalagens de café em papel, fechadas manualmente, com sacos em forma de madeira.

Em 1960, a Impressora Paranaense fornecia para todo o País. Seu maior mercado era o Rio de Janeiro. Como tínhamos dificuldades para entrar no mercado de São Paulo,

decidimos montar uma filial na cidade de Osasco.

Fomos crescendo no Estado, até implantarmos a nossa fábrica em Santo Amaro, produzindo embalagens para clientes de grande porte. Este nicho de mercado surgiu com a chegada dos supermercados, nos quais os produtos não podiam mais ser vendidos a granel. Era necessário embalá-los. A partir daí, também foi se percebendo que as embalagens tinham um apelo de marketing.

Continuamos a expansão. Em 1992, em nova fábrica na cidade de Valinhos, no interior paulista, produzíamos embalagens flip top em cartolina para a indústria de cigarros. Em função da abertura do mercado e com os preços aviltados pela concorrência internacional, o rendimento relativo desta unidade tornou-se desinteressante. Por isso, a vendemos para uma empresa norte-americana.

Com a receita da venda, decidimos investir em off-set. Compramos máquina de última geração. No estudo que antecedeu o investimento, prevíamos a associação com outro grupo, pois não seria possível amortizar o aporte de capital no período de sete anos e meio relativo ao prazo do financiamento.

Decidimos, então, fazer uma associação. Nesse processo, vendemos a empresa para a Dixie Toga, na qual continuo integrando o Conselho Administração.

Não podia, porém, ficar longe do setor, no qual desenvolvi toda a minha vida como profissional e empresarial. Por isso, assumimos o controle acionário de uma excelente empresa, a Spínola, cujo nome comercial mantivemos no mercado, embora a razão social, hoje, seja Impressora Paulista Ltda. A empresa atua na área gráfica e também na organização de eventos e festas, como por exemplo no setor de formaturas". ▲